

A obra xilográfica de Roberto Magalhães foi objeto da análise de Clarival do Prado Valladares - um dos grandes críticos de arte deste país - em texto feito para o Clube da Gravura do Museu de Belas Artes e reproduzido nos catálogos das mencionadas exposições dos anos 70 e 80. Nesse texto dos anos 60 Clarival do Prado Valladares já identifica nas xilogravuras de Roberto Magalhães "uma sólida coerência temática... uma qualidade artesanal... e um inegável estilo individual, originalíssimo". Em sua aguda percepção analítica o crítico apontava para o fato de que Roberto Magalhães "inventou uma humanidade, ao feitiço de marionetes, postas sobre um cenário de razões históricas e de aparência anacrônica... Arma, seus guerreiros com equipamento arcaico e, às vezes, moderníssimo talvez com o propósito de marcar a nota irônica sobre todas as eras".

A ironia, o humor voltado para a implosão da lógica, o fantástico, a transfiguração e a inventividade singular de Roberto Magalhães não passavam despercebidas à boa parcela da crítica de arte brasileira: Roberto Pontual (1978), Ferreira Gullar (1978), Wilson Coutinho (1984) e Frederico Moraes (1984) produziram textos sobre a produção em arte de Roberto Magalhães nos quais a atenção à sua obra xilográfica ou não é exclusiva ou é inexistente. Identifica-se uma lacuna: após o texto dos anos 60 de Clarival do Prado Valladares - autor do único texto exclusivamente voltado para obra gráfica de Roberto Magalhães - a crítica brasileira não produziu uma re/visão desta magnífica produção em arte. Fica o desafio: tanto para mim quanto para todos aqueles que consideram, com Klee, o olho como pensante.

George Kornis

Rio de Janeiro
1993